

SOMBRAS ABATIDAS - OS LENHADORES

Gustavo Luis Tarchini

Num dia como qualquer outro, Sado e Vizcacha Galván amanhecem na imensidão da mata santiaguense. É um campo de 8000 h, onde há apenas treze pessoas, todas como eles, que buscam os valiosos postes de quebracho vermelho (schinopsis quebracho colorado), madeira dura e nobre sobre a qual hoje dormem os trilhos de toda nossa rede ferroviária que, usada ou não, tem mais de 40.000 quilômetros.

O acampamento não é mais que uma lona sobre algumas cumeeiras da mata, tal como as estacas onde improvisam suas camas de campanha. Ali os lenhadores abraçam seus sonhos e descansos, e ambos são conscientes de que a mordida de uma cobra não lhes daria maiores possibilidades de vida, porque estão a 45 quilômetros da estrada por um caminho tortuoso demais para seus únicos veículos, duas bicicletas. O pavimento está na altura Alhuampa, de onde são oriundos, na rota que vai de Tintina a Otumpa.

Hoje é ali que está Sado. Detectaram que ele tem doença de Chagas – que bem poderíamos chamar de AIDS do subdesenvolvimento - que justamente ataca mais essa camada social, os que habitam em casas tipo rancho. "A doutora me proibiu esforços físicos", disse, "e que vou fazer aqui, não há outra coisa, aqui é tudo lenha". As taquicardias de que sofre motivaram sua consulta na capital, e está de volta a sua casa paterna, tendo deixado seu irmão naquele local isolado.

Alhuampa é outra história, um pequeno povoado onde a energia elétrica chegou em março de 1997. Trezentos e oitenta e três habitantes segundo o censo de 2001, com dois pastores evangélicos e uma igreja católica sem pároco.

Também a estação está sem trens, habitada por uma família intrusa. Impotente, nos recorda de outro momento, em que a riqueza era carregada em forma de árvore e, entre tantas sombras abatidas, o som dos machados não cessava.

Hoje os machados foram trocados por motoserras, mas o que não mudou foram as condições de vida dos lenhadores, ou quase: a lona substitui o teto de sua casa; um cheque a cada 90 ou 120 dias substitui o vale que recebia antes, "e se não lhe agrada, anda, outra coisa não há".

"Aqui todos nos dedicamos ao machado..." Tanto é assim que em Alhuampa apenas três pessoas não se dedicam ao trabalho, segundo enumera Vizcacha com nome e sobrenome: o poceiro, o tratorista e o caseiro de uma estância. Todos os demais vivem da mata, conclui.

O dia de um lenhador transcorre muito cedo a partir de seu desjejum de mate e tortilha. Ainda antes do sol nascer (um dos dois rapazes uma hora antes de sair da cama colocou a água para esquentar e avivou o fogo) internam-se com motoserra e machado ao ombro em uma mata por onde ainda não passaram as motoniveladoras que arrasam com tudo para semear. Vão onde o bosque ainda chega a os 12 metros de altura, ainda que, segundo todos afirmem, já não se vejam os diâmetros de antes.

Em sete dias esses lenhadores fecham um ciclo de corte e desbaste, que é a tarefa de tirar quase toda a parte branca da madeira que rodeia o coração do quebracho vermelho, e trabalho dos postes, que é o acabamento de forma completa do trabalho anterior. Deixam um poste perfeito, apenas do coração, bem vermelho.

Depois são levados rodando ou nos ombros para as picadas, de onde vão em mulas para as picadas principais onde são carregados em uma carreta puxada por trator. A cada oito dias se inicia esse ciclo e a cada quatro ciclos é feita a entrega da "madeira" ao contratante que, por sua vez, é um funcionário do empreiteiro ou do dono da exploração florestal.

O problema ecológico e social é grave. É maior o impacto produzido pelo desmatamento com motoniveladoras, para a semeadura, do que o corte para postes. Mas também há o corte para carvão, e tudo conta.

O lenhador corta árvores ou morre de fome. Nessa zona de Santiago não há outra atividade, o eixo é a floresta, o quebracho e outras madeiras.

Por esse motivo, creio que seja impossível analisar a problemática em separado. Se bem que se possa notar na vida diária de um lenhador as privações com que vive e a total consciência de sua situação socioeconômica, em todos os casos sabendo da exploração de que são vítimas, de que o grande quinhão não é para eles, ainda assim são felizes. Por isso as fotos não refletem os rostos (ou estereótipos) que muitos acreditam que deveriam encontrar. A gente do interior da província é muito sofrida. Entre as muitas dores que têm que assumir figuram a morte de um filho. A mortalidade infantil é muito alta nessa zona, e é algo que é assumido com dor, mas como algo que acontece quase naturalmente.

A ausência de ambulâncias para traslados, de meios de comunicação, de caminhos, de educação, a falta de médicos e excesso de curandeiros etc., é parte de uma realidade que dói, mas que está assimilada. E não com muito rancor.

A falta de educação condiciona qualquer possibilidade de ascensão e em muitos lugares distantes das localidades principais, a única educação possível é a primária. Quando termina a escola já conhece com perfeição o ofício, e de imediato põe mãos à obra. Outras vezes, o menino que tem idade para empunhar o machado já deixa a escola para ajudar o pai. Por isso, a partir da quinta série as aulas costumam ter apenas meninas. Quase não há opções de trabalho na infinidade de pequenos povoados do vasto interior santiaguense. Isso nos diz que por muito tempo o problema seguirá igual: sem educação não há futuro possível.

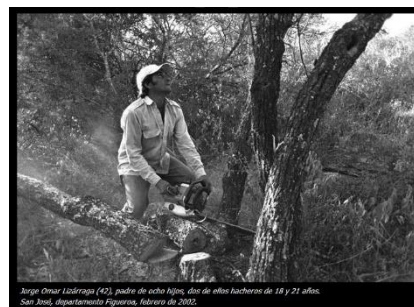
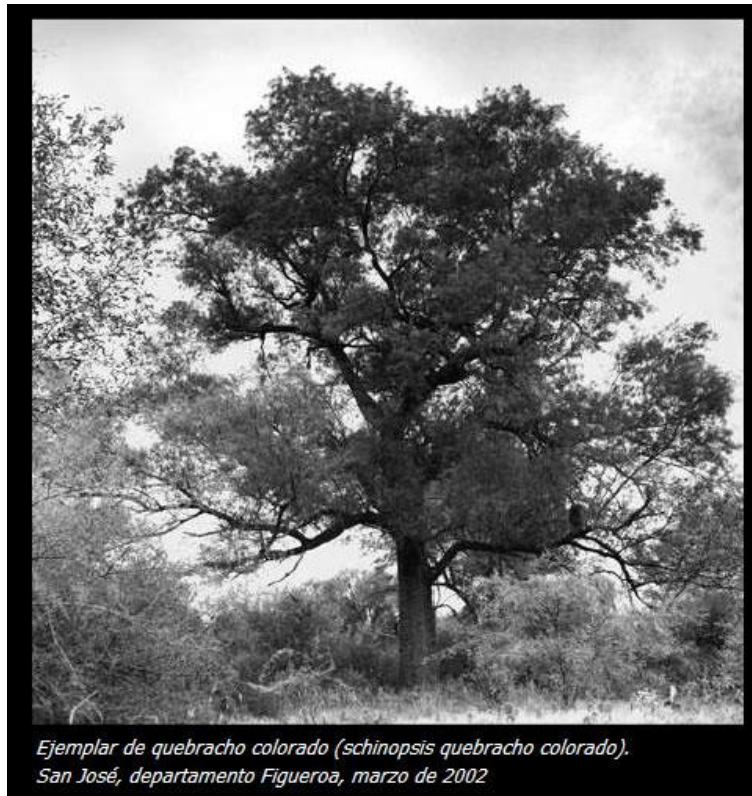
O triste é que em se tratando de educação quando se começarem a fazer bem as coisas serão necessárias várias gerações para transformar o negro horizonte de hoje.

A diretriz política que hoje nos colocou onde estamos é que tem que planejar e executar as mudanças. Os lenhadores e os quebrachos são vítimas desta situação. Quisera eu ter palavras para descrever o que vejo e o que sinto. Sobretudo sabendo que este país em 1900 foi a potência indiscutível da América Latina e o décimo em riquezas do mundo.

Por isso, dedico este trabalho à Esperança, para que a necessária transformação cultural que este país necessita para acabar com seus males chegue de uma vez e para bem.

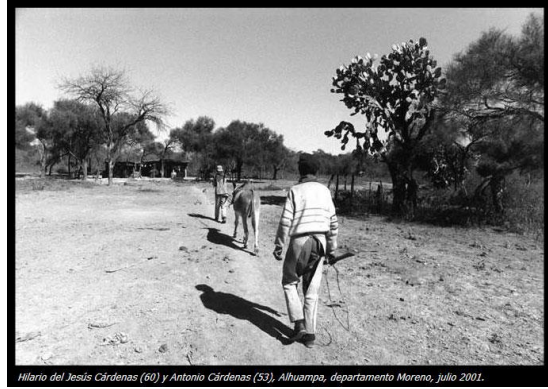
Sombras abatidas

Gustavo Tarchini

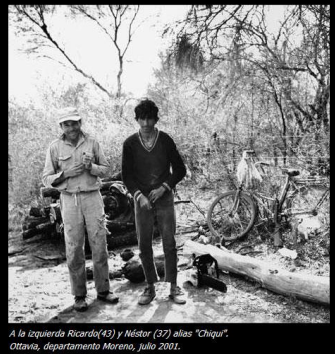




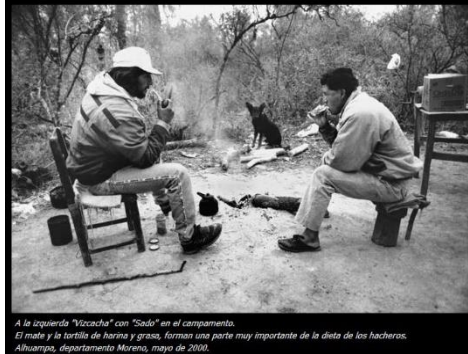
José Paz, Hachero del complejo obrajero Ottavia fundado por los hermanos españoles Compagno en 1906. Alhuampa, departamento Moreno, julio 2001.



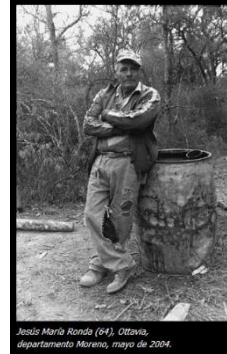
Hilario del Jesús Cárdenas (60) y Antonio Cárdenas (53), Alhuampa, departamento Moreno, julio 2001.



A la izquierda Ricardo(43) y Nistor (37) alias "Chiqui". Ottavia, departamento Moreno, julio 2001.



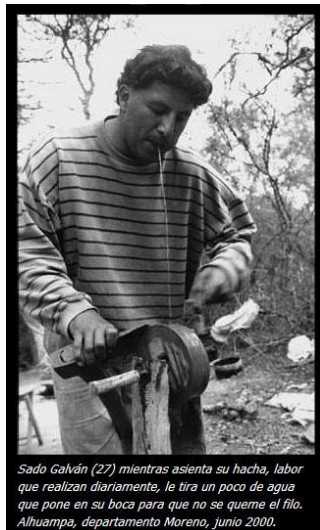
A la izquierda "Dacacho" con "Sado" en el campamento. El mate y la tortilla de harina y queso, forman una parte muy importante de la dieta de los hacheros. Alhuampa, departamento Moreno, mayo de 2000.



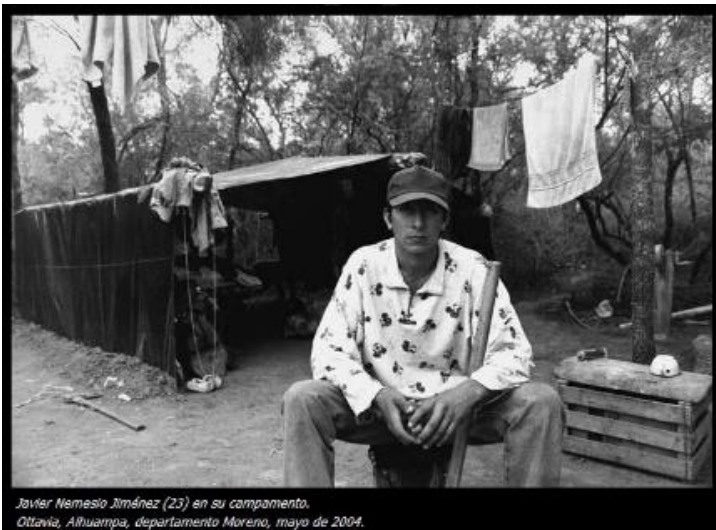
Jesús María Ronda (64), Ottavia, departamento Moreno, mayo de 2004.



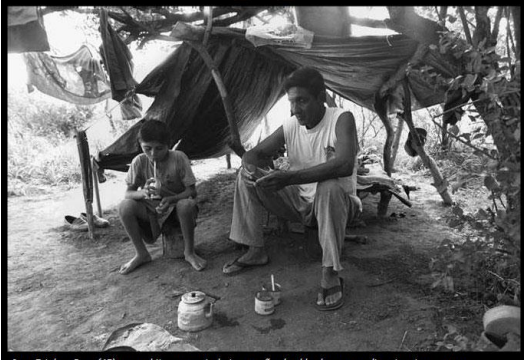
Puesto 87, Departamento Moreno, diciembre de 2001.



Sado Galván (27) mientras asienta su hacha, labor que realizan diariamente, le tira un poco de agua que pone en su boca para que no se queme el filo. Alhuampa, departamento Moreno, junio 2000.



Javier Nemesio Jiménez (23) en su campamento. Ottavia, Alhuampa, departamento Moreno, mayo de 2004.



Juan Esteban Sosa (45) con su hijo, que no trabaja empujando el hacha pero realiza otras tareas como encargarse del fuego, tener el agua caliente para que cuando salga su padre del monte demore menos en cocinar. Puesto 87, departamento Moreno, diciembre de 2001.



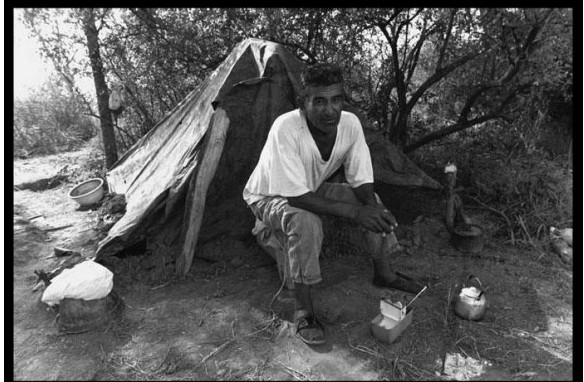
Campamento en Ottavia, Alhuampa, departamento Moreno, mayo de 2004.



Hugo Orlando Suárez (20), Ottavia, departamento Moreno, mayo de 2004.



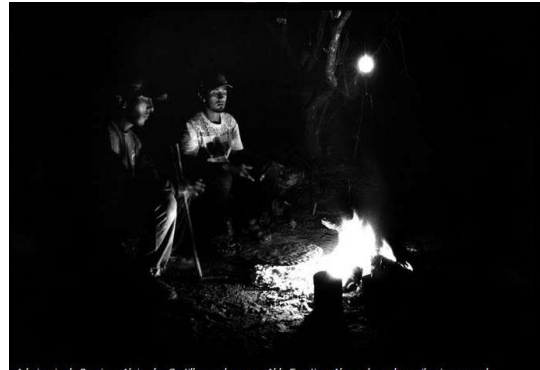
Aldo Faustino Castillo (26) comiendo en su campamento. Aldo escampa solo, la gran mayoría lo hace en parejas, algunos en grupos más numerosos de hasta cuatro o cinco personas. Muchos entre hermanos o padres con hijos. Aldo es de la localidad de San Felipe en el departamento Figueroa y trabaja a más de cien kilómetros de su casa, lo que le permite regresar alrededor de una vez al mes a ver su familia. Ottavia, Alhuampa, departamento Moreno, mayo de 2004.



Agustín Villalba (52), en su campamento. Puesto 87, departamento Moreno, diciembre de 2001.



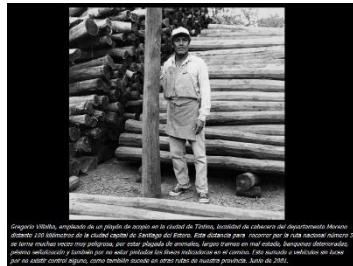
Preparando los elementos para bañarse. Alhuampa, departamento Moreno, mayo de 2000.



A la izquierda Domingo Alejandro Castillo y su hermano Aldo Faustino. Al caer la noche se iluminan con el fogón y con unos mecheros. Ottavia, departamento Moreno, mayo de 2004.



Se prepara a derecha, Víctor Jairo "Borja" (23), Fabián (18), Néstor "Nirvago" (21) y Mario (15). Trabajando la zona de un arroyo en una zona de que otro tiempo se usó de agua. A un lado de él está ubicado y entre las localidades de Tarma y Chango solo, uno de los pozos donde se encuentra el buen estado de calidad, agosto de 2003.



Agustín Villalba, empujador de un fogón de leña en el campamento de Tarma, localidad de Tarma del departamento Moreno, agosto 2003. Muchos veces más peligrosos por estar al lado de arroyos. Mejor forma es mal estado, siempre deteriorado, pero mejorando y mejor por se mejor estado de la zona. Fue usado y utilizado en base por la gente contra algunos, como también sucede en otros sitios de nuestra provincia. Año de 2003.



Arroyo de pozos de quebracho cultivado en Tarma, departamento Moreno. La parte más alta y la derecha de la imagen se cubren con cuatro mil pozos. Entre pozos disponibles del largo pueden estar hasta 120 kilogramos. Los árboles pueden estar hasta el punto de agua. La distancia de la zona de quebracho cultivado es de 2-3 metros por cuadrado cubico. Un punto de este material permanece establecido por 10 años. Año de 2003.

Localização geográfica

País



Região

